

AGIR NA PRAÇA: ENCONTROS, ATENÇÕES, EDUCAÇÃO

Thalita Alves Sejanas¹

¹thalitasejanas@gmail.com

Kátia Maria Kasper²

²katiakasper@uol.com.br

Área de Concentração: Educação em Ciências

Linha de Pesquisa: Educação Não formal, Artes e Cultura na Educação em Ciências e Matemática

RESUMO: Pesquisa cartográfica, em andamento, que investiga ecologias e educações em torno dos encontros em uma praça pública na cidade de Curitiba. Operando com a ecosofia proposta por Félix Guattari (1992), e com a pedagogia das encruzilhadas proposta por Luiz Rufino (2019). Imprevistos, gingas, insistências, resistências. Como experimentações artísticas potencializam educações e ecologias na cidade? Como ativam possibilidades formativas outras? O percurso metodológico tem especial atenção à criação e experimentação de procedimentos, inspirado na obra de Fernand Deligny (2006). A implicação do corpo da pesquisadora no processo de pesquisa com desenho e performance busca agir na praça tecendo alianças com personagens que se atrevem a singularizar.

PALAVRAS – CHAVE: Ecosofia. Rua. Deligny. Corpo. Cartografia.

INTRODUÇÃO

Na cidade em que me perco

Na praça em que me resolvo

[...]

A coisa mais linda que existe

É ter você perto de mim

Gilberto Gil e Torquato Neto

Estar em uma praça no centro de uma capital: uma ampla área de passagem com calçamento de pedras e uma imensa escada que sustenta quatro imponentes colunas, réplicas gregas em um edifício de uma Universidade Federal. Pessoas, caminhos, gramas, ipês, sacolas de mercado, ervas daninhas, carros, fumaças, azaleias, espécies companheiras, araucárias, atmosferas. Ambiente que transitam, cruzam, movem-se, mais ou menos velozes passam, param, encontram-se corpos.

Eventos inesperados, encontros inimagináveis, imprevistos: a rua é lugar de aprender por contágio, com o incidente, em contato com outros modos de existir. Investigar a rua e a restauração da cidade subjetiva (GUATTARI, 1992) em aprendizagens com a cidade, considerando com Sampaio e Martins (2020, p. 43) que neste contexto “também existem e vicejam distintas ecologias”:

[...] ensaiar outras possibilidades de pensar nossas relações com a cidade enquanto um percurso possível de ações educativas, de ativações pedagógicas com as ecologias, com os ambientes, com os diferentes corpos que ocupam os espaços urbanos. Pensar em outros agrupamentos, outros contatos, outras formas de estar na/com a cidade, que não deixa de ser o habitat onde milhares de pessoas e outros seres vivem suas vidas, tecem seus cotidianos. Em relação (SAMPAIO; MARTINS, 2020, p. 43).

As autoras apontam o baixo número de pesquisas que se dedicam a pensar a ecologia no contexto urbano, ainda que seja neste ambiente que uma expressiva parte da sociedade se encontra. Para esta investigação surge a necessidade de alargar uma definição apressada e convencional de ecologia.

A ecosofia que propõe Guattari (1992) considera a necessidade de pensar junto à ecologia ambiental, as ecologias subjetiva e social. Frente aos inúmeros desafios de nosso tempo em que a sobrevivência está ameaçada não apenas pelas degradações ambientais, mas também pela degradação das solidariedades sociais, da escalada do ódio à diferença e, consequentemente extremismos de todos os tipos.

Nesta perspectiva, investigamos a potência de processos de criação na rua em sua relação com a alteridade e singularidade. A arte seria um modo de fazer prevalecer um tipo de sensibilidade que escapa ao produzir e consumir incessante. Desacelerar, parar, agir (DELIGNY, 2006), variar e atuar em micropolítica. Buscando mapear encontros, resistências, gestos, potências de criação (ROLNIK, 2018).

[...] o que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmo e com a vida, é se “recompor” em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos (GUATTARI, 1992, p. 170).

Esta investigação parte da pesquisa de mestrado que cartografou o encontro de um coletivo de artistas criando um espetáculo de cabaret com ruas e praças da cidade de Curitiba/PR (AUTOR, 2020). Procura desdobrar o estudo pensando educações em ciências na cidade articulando o corpo da pesquisadora e ambientes, atmosferas e a arte na rua como modo de criar a ocasião (DELIGNY, 2006) para os encontros traçando as perguntas: Como experimentações artísticas (com desenho e performance) contribuem para mapear questões acerca do ambiente, educações e ecologias na perspectiva da ecosofia? Como ver e experimentar ativações formativas em uma praça subjetiva e singular, pensando a cidade além da burocrática, disciplinadora e violenta?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa pensa a rua em sua potência formativa, que neste caso se dá no corpo, envolve aprendizagens com o corpo todo. A performance arte é escolhida por se tratar de uma linguagem artística que articula presença e espaço, considerando com Melim (2008) que é desnecessário defini-la. Opera com a noção de espaço de performance, traduzido como aquele que insere o espectador na obra-proposição, possibilitando a criação de uma estrutura relacional ou comunicacional” (MELIM, 2008, p. 9). Busca pensar na potência de criação: prática, experimentação, lida com imprevistos como uma forma de pensar ética-estética do vivo e sua incessante transfiguração (ROLNIK, 2018).

A obra de arte, para aqueles que são seus usuários, é uma empresa de desenquadre, de ruptura de sentido, de proliferação barroca ou de empobrecimento extremo que arrasta o sujeito em uma recreação e uma reinvenção de si mesmo (GUATTARI, 2021, p. 55).

A pedagogia das encruzilhadas contribui permitindo olhar para a cidade e seus povoamentos de modo não totalizante, moralizante. Olhar atento ao desenquadre, ao que escapa as modelizações, a criação: “O corpo cambaleia, busca um novo arranjo, que só é possível na ginga. Há de se incorporar outros sentidos. A encruzilhada é onde se destroem as certezas, é, por excelência, o lugar das frestas e das possibilidades” (RUFINO, 2019, p. 108).

Com o pensamento de Rufino (2019), pensar com a cidade a potência de educações outras: contágios, danças, gingas, imprevistos, incidentes, insistências, resistências. Expandindo a ideia de aprender e ensinar – neste caso, talvez não queira ensinar, mas ensina; talvez não queira aprender, mas aprende. Desidealizando, expondo contradições, percebendo linhas do caos (GUATTARI, 1992), fazendo ciência a partir de experimentação, da composição inventiva, improvável (STENGERS, 2018; LATOUR, 2020).

Encontra-se no caminho personagens como o aracniano, inventado por Fernand Deligny (2015), aquele que pode evocar outras formas de relação e se vê atravessado, encontra-se também com o idiota criado por Dostoiévsky e convidado por Deleuze e Stengers como a figura que “desacelera os outros, aquele que resiste à maneira como uma situação é apresentada, cujas urgências mobilizam o pensamento ou a ação” (STENGERS, 2018, p. 444). Incorporar o caos a partir da Ecosofia de Guattari (1992) e com esta proposição buscar encontros com gestos de criação e personagens que se atrevem a trair o projeto neoliberal e singularizar procurando outras formas:

E, aqui, “procurar” quer dizer, antes de tudo, criar, criar uma vida ‘depois do crescimento econômico’, uma vida que explora conexões com novas potências de agir, sentir, imaginar e pensar. Estes já escolheram modificar sua maneira de viver, efetiva mas também politicamente: eles não agem em nome de uma preocupação culpada por sua ‘pegada ecológica’, mas experimentam o que é trair o papel de consumidores confiantes que nos é atribuído (STENGERS, 2015, p. 15).

Assim, fazer um estudo sobre a praça/cidade, percebendo a existência das linhas pensadas por Deleuze (1998), indo além da linha dura (rígida, binária, totalizante), para mapear as linhas flexíveis e as linhas de fuga, gerando um espaço tramado também em linhas singulares, afetivas, inventivas. Um espaço de encontro e relação. Um espaço de presença e encontro.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para esta pesquisa é a cartografia. Trata-se de mapear encontros e acontecimentos em torno de ações performáticas realizadas pela pesquisadora na praça. Gestos de criação, ações de desenquadre: encontrar coisas esquecidas e descartadas pelo chão, criar uma “escultura” com sacos plásticos, re-performar ações de outras artistas, ensaiar outras formas de estar e criar a ocasião para que encontros aconteçam. Deste modo destaca-se no método da cartografia sua característica de *implicação da pesquisadora no*

processo de pesquisa, convocando a presença e atenções envolvidas como instrumentos para pesquisar educações na praça e potências formativas da rua.

A invenção de procedimentos também é parte importante deste processo, com inspiração na obra de Fernand Deligny (2015), pedagogo que traçava mapas de trajetos cotidianos como forma de desacelerar o olhar e as interpretações para as crianças que acompanhava. Educador que levava o desenho para suas práticas como forma de olhar que “não é ver” (DELIGNY, 2015, p. 72). Um modo experimental de lidar com o espaço a partir da atenção e da presença.

Nesta pesquisa criar procedimentos envolve duas linguagens artísticas: o desenho e a performance. Envolve criação artística, mas como forma de pensar/agir com a potência de criação que se refere a uma potência de transfiguração do vivo (ROLNIK, 2018). Pesquisar a partir da presença, da atenção e do contato. Mergulhar “na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes, para fazer sua travessia, pontes de linguagem” (ROLNIK, 2006, p. 66). Forjar encontros. Chegar perto de histórias.

Outro aspecto importante do percurso teórico metodológico se trata de conseguir alcançar a cidade a partir de linhas e assim “compor improbabilidades, encontros fortuitos, inéditos” (AMORIM; COSTA, 2019, p. 916), permitindo olhar a cidade além da linha rígida e encontrar nela sementes de futuro, de sonho, de criação: “[...] o problema, para o cartógrafo, não é do falso-ou-verdadeiro, nem o do teórico-ou-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo” (ROLNIK, 2006, p. 66). Mapeando o ambiente a partir do desejo, das aprendizagens possíveis, dos gestos que afirmam a vida num momento decisivo que convoca esta ação ética-estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa encontra-se em processo. São aqui apresentadas pistas iniciais e primeiras decisões tomadas; no entanto, a partir da realização de estado da arte é possível perceber que se caminha na direção de uma contribuição para a educação em ciências pensando ecologia no contexto urbano, considerando a subjetividade, o sistema econômico vigente, abordagem que permite encarar os desafios colocados ao pensamento quando pensamos em ecologia na contemporaneidade. Esta perspectiva aproximou alguns autores como o pensamento de Isabelle Stengers, com destaque para sua proposição cosmopolítica (2018), que produziu algumas mudanças de concepções apresentadas no projeto inicial de pesquisa. E também o conceito de brutalismo de Achille Mbembe (2021), ainda em processo de estudo inicial.

A inserção no campo de pesquisa permite a reflexão e o compartilhamento de procedimentos iniciais, e o modo como eles estruturam a criação de dados na pesquisa cartográfica e norteiam escolhas no estilo de escrita. Pela característica deste percurso teórico-metodológico esta pesquisa intervenção trabalha colocando em operação um certo tipo de sensibilidade que permite à cartografa/pesquisadora/educadora atravessar os tempos brutos que vivemos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A. S. L.; COSTA, L. B. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 14, n. 3, set./dez. 2019. 21p.

DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. Tradução de Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1998.

GUATTARI, F. **Qué es la ecosofía?** Buenos Aires: Cactus, 2021.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2011.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

LATOUR, B. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no antropoceno. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MBEMBE, A. **Brutalismo**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2021.

MELIN, R. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1, 2018.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAMPAIO, S. M. V. de; MARTINS, D. G. **Corpos-eco-ecologias pelas ruas da cidade**. **Revista Espacios Transnacionales**, Coyoacán n. 14, enero/junho, 2020. 10 p.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.